

Creation

dentro e fora do underground — ano III — edição 3 — Impressão R\$ 2,00



Ian Curtis

Póstumos escritos

Após longo hiato, o CREATION chega à sua terceira edição, número este que também assinala o terceiro ano deste fanzine, a despeito de sua periodicidade não ser anual (mas irregular), como se poderia imaginar. Para falar um pouco sobre estas publicações, desta vez destacamos não apenas um ou alguns fanzines na seção dedicada a eles, mas uma mostra toda, a Magnet, cuja terceira edição se realizou em junho em Osasco. Revirando nosso arquivo amarelado, encontramos alguma coisa sobre Joy Division, cultuadíssima banda inglesa; nosso homem em Brasília, Rogério César, revela o poder das bandas de lá; e de Porto Alegre, RS, a dama da noite Gaby Benedyct nos presentearia com uma historinha bem inusitada em plena danceteria. Deleite-se!

O Editor

Post-scriptum: esta edição é dedicada a Laurence e Arthur, respectivamente filhos dos *drugues* Clodoaldo "John Ford" e Gabriel Front.

foto de capa: Kevin Cummins

Seções

INDIE C.....	3
RADIO SESSION.....	4
RETRÔ.....	6
FANZINES.....	8
QUADRINHOS.....	10
MY BLOODY VALENTINE.....	11
LADO C.....	12
BARULHO DO CASSETE.....	14
UNDERGROUND POR AÍ.....	15
MUSIC NON STOP.....	16

Creation

dentro e fora do underground

Ano III; edição 3; dezembro de 1995
 periodicidade e tiragem irregulares



REDAÇÃO

Editor: Edhson FM

Colaboraram: Nilson Pazinha (São Paulo, SP), Rogério César (Brasília, DF), Gaby Benedyct (Porto Alegre, RS), Henry Jaepelt (Timbó, SC)

WITH A BIG HELP FROM "BOG"

Thankx: Roberta (PolyGram), Gonçalo Vinha (Cri du Chat), Patricia Palumbo, Calixto Barbosa (Eldorado FM), Glauco Félix (Comespace), Gabriel Front, Wilson Simon (*The Cure A Fanzine*)

Redação e Correspondência: Rua Júlio Dantas, 447
 Osasco, SP
 06273-030
 "Vox": (011)707-7082
 B R A S I L

Porquanto só Deus sabe quando sai este fanzine, muitas notícias que chegam à nossa redação acabam envelhecendo sem nenhuma divulgação. A fim de que todas as informações que aportam aqui (principalmente via correio) caiam nas mãos de outros destinatários, a partir desta edição a *Indie C* passa a ser publicada também fora do *Creation*. Seguindo a mesma linha concisa desta página (ou seja, apenas notas telegráficas), será um informativo mensal plugado em tudo que acontece dentro e fora do underground (publicações, bandas, gravadoras, shows, entre outros babados).

Após inflamar o público com seus aclamados shows, a banda osasquense **Mickey Junkies** lança seu primeiro álbum, *Stoned* (Paradoxx), misturando ressonâncias psicodélicas com uma boa dose de poesia *junky*, é claro.

Bem mais suave porém trabalhadíssimo, *Better when You Love (Me)* (Self/Cri du Chat), do grupo baiano **brincando de deus** (sic), salva 95 como um dos melhores lançamentos do cenário alternativo.

Ainda abrindo um parêntese para a **Cri du Chat**, QG das tendências eletrônicas e góticas no País, este ano a pequena gravadora paulistana deu um salto de gigante ao lançar e recuperar trabalhos de bandas até então conhecidas por encomenda, entre elas **Opera Multi Steel** e **Pink Industry**, e suas respectivas cole-

The Cure A Fanzine



tâneas *Days of Creation* e *New Naked Technology*.

Não fossem os anúncios e o noticiário em português (afinal, estamos no Brasil, não é?), em São Paulo, quem sintonizar o rádio em 95,3 MHz pode até pensar que está ouvindo, e.g., uma rádio americana ou inglesa. É que está de volta aos ares paulistanos a **Pool FM**, cuja programação é totalmente dominada por músicas inglesas, principalmente os hits dos 70s e 80s, além da ferveção dance, tecno, trance etc. dos 90s.

Por mais que tenha relutado, Fábio Zimbres mais uma vez espremeu um montão de publicações e algo a ver em seu minicatálogo **mauditofanzine** (Rua Botafogo 565, Ap. 203, Porto Alegre, RS 90150-051). Mantenha-o no bolso!

Já o **The Cure A Fanzine** (Avenida Osvaldo Costa, 582, Osasco, SP, 06288-040), de Wilson Simon, dispensa apresentação.

Edgard Guimarães encerra o ano com a 17ª edição de seu sempre bem-vindo **Informativo de Quadrinhos Independentes** (Praça Monseñor Noronha, 21, Brasópolis, MG, 37530-000).

A partir de sua quarta edição, a **Magnet** — **Mostra Internacional de Fanzines** passa a ser realizada em São Paulo. Quem quiser fazer parte da organização da mostra, pode entrar em contato com este escriba (EDHSON FM). ©

Amor é simplesmente!

Eldorado FM

Para ouvintes e pensantes

EDHSON FM e NILSON PAZINHA



Atualmente, a Eldorado FM é a que mais sobressai entre as poucas rádios paulistanas que se atêm à qualidade do que colocam no ar, seja na sua programação geral ou especí-

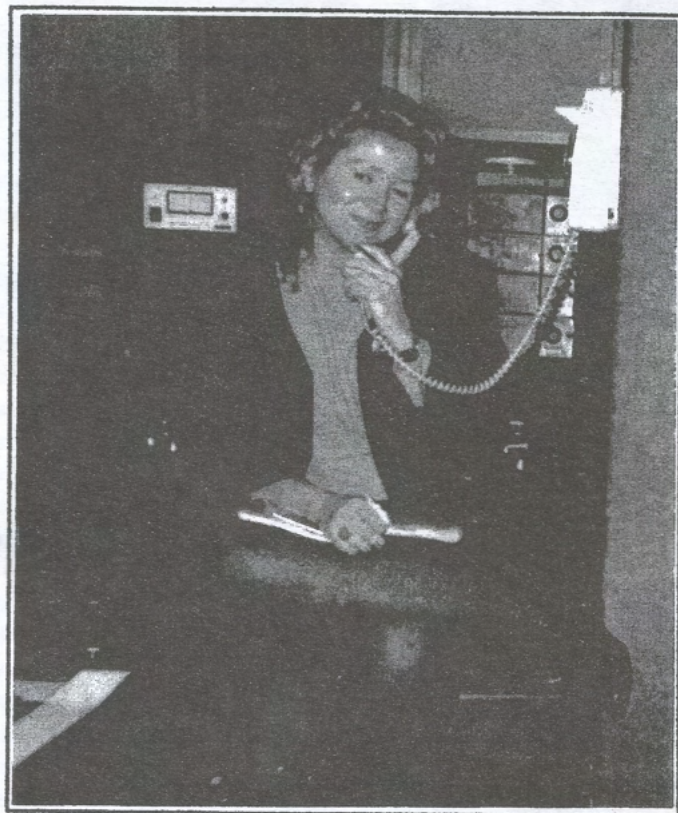
fica. Quem sintoniza os 92,9 Mhz do dial sabe: "A Eldorado só toca um tipo de música: a que

você gosta de ouvir". Para quem gosta de ecletismo musical, a programação geral da semana mostra o que há de melhor no pop mundial sem se preocupar com as entediantes paradas de sucesso das outras FM's, destaca inúmeras bandas já lançadas —mas pouco divulgadas— no Brasil (Cocteau Twins, 10,000 Maniacs, Cowboy Junkies, Sundays, Durutti Column), além de garimpar nomes totalmente desconhecidos por aqui (Dark Orange, Love Spiral Downwards, entre outros). Despojada de qualquer estereótipo de rádio-rock, a Eldo-

FOTOS EDHSON FM



Eldorado FM: tocando todos os estilos sem se ater a modismos



Mirna Grzich: *new age* e *world music* aos domingos

rado também envereda na psicodelia dos 60s e clássicos dos 70s e 80s (Beatles, Rolling Stones, Doors, Kinks, Velvet Underground), diariamente, às 6 horas da manhã, no *Sunrise*. Não dá para não acordar mais cedo!

Mas se você é daqueles que gostam de jazz, blues e outros ritmos de alma negra, então é melhor ouvir o *Jô Soares Jam Session*, de segunda a sábado, às 5 horas da tarde. Outro programa que tem seu público bastante específico é o afinadíssimo *Concerto Noturno* (segunda a sexta, às 8 horas da noite), há 13

anos apresentado pelo maestro Diogo Pacheco. Mais: quarta-feira (meio-dia) é a vez do produtor musical e crítico Nelson Motta aproveitar as ondas hertzianas para apresentar o seu *Radio Show*, tocando tudo que encontra em sua vasta bagagem; e domingo, às 10 da noite, Mirna Grzich "abre as portas do *Exploratorium*" para mostrar o lado etéreo, transcendental da música contemporânea (*new age*, *world music*, vanguarda eletrônica etc.).

Por fim, longe do nacionalismo, exacerbado das rádios-MPBs, nossa música, é claro, também tem seu espaço garantido na emissora, principalmente no *Canta Brasil*, de segunda a segunda, às 11h da manhã. Só não tem vez, ou melhor, não é bem-vinda a *Voz do Brasil*, cuja campanha contra sua obrigatoriedade de transmissão é encabeçada pela Eldorado, juntamente

com um *pool* de emissoras em todo o território nacional.

Antenada também com a notícia, o esporte e a prestação de serviços, de segunda a sábado, das 7 às 9 horas da manhã, o *FM Notícia* entra no ar com "a dose exata de música e informação", além do noticiário geral de hora em hora (diariamente); sexta-feira (meio-dia) o *Esporte Aventura* dá seu recado para quem este assunto é sinônimo de surfe, canoagem, rali e tudo que tem a ver com os chamados esportes radicais.

"Aventure-se". ©



Here are the young men: Stephen Morris, Peter Hook, Ian Curtis e Bernard Dicken

Alguma coisa sobre Joy Division

EDHSON FM

O título acima é uma alusão a um tributo do underground italiano à cultuadíssima banda inglesa Joy Division, cujo vocalista, Ian Curtis, suicidou-se aos 23 anos, finalizando insana e subitamente uma das mais belas, soturnas,

poesias dos anos 80. Para lembrar os 15 anos da morte do cantor (18-5-1980), neste ano foram editadas duas primorosas coletâneas para imortalizar ainda mais a obra da banda: *Permanent — Joy Division 1995*, que traz 16 canções compiladas dos álbuns *Unknown Pleasures* (79), *Closer* (80) e *Still* (81), além

de faixas de singles, entre eles *Love Will Tear Us Apart*, antológico hino que abre e encerra a coletânea; e *End — A Means to an End: The Music of Joy Division*, reunindo, a exemplo dos italianos, vários nomes bastante desconhecidos por aqui, exceto Moby (*New Dawn Fades*) e Desert Storm (*Warsaw*), conhecidos de alguns inferninhos dançantes. No texto que acompanha o encarte, Anthony Wilson, responsável pela legendária Factory, enfatiza que o disco não é um tributo apenas ao Joy Division, mas também ao brilhante produtor Martin Hannett (já falecido), outro nome importante na história da gravadora.

Mas, a meu ver, o tributo mais interessante destes 15 anos é uma biografia chamada *Touching from a Distance* (O título foi tirado de uma das mais bonitas músicas da banda, *Transmission*), escrita por uma fã muito especial de Ian: Deborah Curtis, viúva dele.

Mesmo sem ler o livro, qualquer fã do Joy Division pode imaginar que a mulher de Ian Curtis não iria deixar de lançar luz sobre o caso que ele mantinha com Annik Honoré (conheceu-a num show da banda em Bruxelas) quanto discurrir sobre Ian viver em constante depressão, provocada sobretudo pela doença que o atormentava (epilepsia), o que sem dúvida refletia bastante nas letras da banda, como ressaltou muito bem Vini Reilly, vocalista do Durutti Column, outra importante banda da Factory, certa vez numa entrevista ao jornal francês *Libération*: “Eu o conhecia vagamente. Não era muito sociável e não costumava enturmar-se. (...) Estava continuamente deprimido. Falei com ele por telefone algumas vezes, porque eu compreendia sua depressão: na música, ele trazia isto à superfície. Dirigia o grupo, era sua força, poder e tristeza”.

A história do Joy Division remonta à explosão do punk, precisamente em 76, ano da estrondosa excursão *Anarchy in the UK*, reunindo Sex Pistols, Heartbreakers e Clash, bandas essas que acabaram desencadeando o surgimento de inúmeras outras em Manchester e arredores, entre elas, é claro, Joy Division, formada por Bernard Dicken (guitarra), Peter Hook (baixo), Stephen Morris (bateria) e Ian Curtis (voz). A princípio, a banda se chamou *Stiff Kittens*, mudando depois para *Warsaw* e, definitivamente, para Joy Division (“Divisão da Alegria”, alusão aos locais onde eram mantidas as mulheres para a diversão dos oficiais nos campos de concentração nazistas).

Em junho de 78, para marcar o fechamento do Electric Circus, agitado palco frequentado por Buzzcocks (estiveram aqui em novembro), The Fall, entre outras importantes bandas da época, o quarteto é convidado a participar da coletânea *Short Circuit — Live at Electric Circus*, cuja música *At a Later Date* é o primeiro registro da banda em vinil. Após a morte de Ian Curtis, os remanescentes do Joy Division formaram o New Order, mas aí é outra história. ©



Ian Curtis: poesia cultuada e doença

Mostra tenta traduzir fanzine ao pé da letra

EDHSON FM

Desde que comecei a me interessar por fanzines (em 84 o neologismo ainda me é intraduzível nas capas daqueles nunca dantes vistos tablóides e “revistas” de então), uma pergunta me surpreende: o que é fanzine?

Ao contrário do que muitos desinformados imaginam —até mesmo a grande imprensa—,

EDHSON FM



Magnet: mostrando o que é fanzine



THE GORMENGHAST CASTLE

Alternative Magazine



The Gormenghast Castle: gótico

fanzine não é (pelo menos não é mais) nome de programa de TV para *teens* “descoladerrerrimos”, mas sim todo tipo de publicação (*magazine*, daí *zine*) feita por —e para— fãs (*fan*) de qualquer assunto (música, quadrinhos, tevê, literatura, sexo, sei lá mais o quê).

Os fanzines nasceram na “boa” e velha máquina de xérox (as cópias, é claro, sempre deixaram muito a desejar), aos poucos chegaram

MAXIMUM NOISE

THE JESUS AND MARY CHAIN



MAZZY STAR



*SUBED *MEDICINE *SPEED WHALE *CRANBERRIES *WEED

culam no underground nacional, provando que, não obstante todas as dificuldades por que passa todo fanzineiro, a “imprensa-xérox” (originariamente) vai muito bem, obrigado. Pelo menos se pôde notar isso na 3ª. Magnet, realizada entre 8 e 10 de junho, trazendo zines esmeradíssimos, como *The Gormenghast Castle*, *Crossover*, *Maximum Noise*, *Frontzine 242*, *TV Land*, *Phobus*, *4 Fuzine*, *Underzine* etc., como a maioria de seus congêneres, pautados sobretudo em música e quadrinhos. Entre os amantes da poesia e outras prosas literárias estavam o indispensável *Blócos*, o simpático *Tortura* e o imperdível *Poesias Autistas*, este de Osasco, terra também do engraçadíssimo *Tóin!* (santos quadrinhos!). Por fim, o *Informativo de Quadrinhos Independentes*, um pequeno catálogo bimestral de publicações underground, e o *Almanaque de Fanzines* revelaram por que são hoje referências obrigatórias em qualquer reduto fanzineiro.

Maximum Noise: antenado com a cena indie

Ao longo da mostra, os editores aproveitaram para trocar várias idéias, e foram unânimes em levar a Magnet para São Paulo, sem dúvida muito mais acessível a todos, até mesmo em esfera mundial, já que a partir de sua quarta edição a mostra passa a ser internacional. ©

às pequenas gráficas para ganhar uma impressão mais limpa, caprichada e hoje os editores destas maravilhosas publicações independentes abraçam incrementadíssimos computadores e impressoras para deixar a cara de suas criações cada vez mais atraente, hodierna, senão invejável.

A fim de mostrar literalmente ao público e aos meios de comunicação desinformados o que é fanzine e fomentar cada vez mais o intercâmbio entre editores e leitores destas publicações, desde 93 organiza-se em Osasco, SP, a Mostra Nacional de Fanzines, promovida pelo fanzine *Creation* e Instituto de Idiomas Yázigi. Como o próprio nome diz, a exposição, também conhecida como Magnet, reúne as diversas publicações alternativas que cir-



Os Três Patetas: tudo a ver no TV Land

impulsos



Em plena danceteria

GABY BENEDYCT

E agora o que faço? Acabo-me em malabarismos, retorcimentos e caretas, arfares, fôlegos, fogos?

Então, peguei em sua mão e coloquei-a por dentro da minha blusa em plena danceteria. Vi em seu olho que ele estava tarado. Não esperava que eu fizesse aquilo. Com uma mão me puxou e, com a outra, agarrou minha mão e a colocou em seu pau, por cima da calça. Eu ria, ao mesmo tempo em que olhava para os lados. Não queria "queimar o filme". Ele tirou aquilo para fora, que agarrei sem pensar. Queria que ele parasse com aquilo, estava me dando nojo. Mas ao mesmo tempo eu sabia que havia provocado tudo, gostava de provocar e, dependendo da situação, pulava fora.

Ele não me foi sutil, podia ter se contentado apenas em apertar meus mamilos e continuarmos a beber. Mas ele foi grosso, quis tudo rápido demais. Não seria um bom amante. Dissimulei e caí fora. Outra hora. Dancei e fui dormir. ©



Post, Björk

Solo e bem-acompanhada

EDHSON FM

No final dos 80s, por mais que se diferenciasssem umas das outras, diversas bandas que alardeavam algum sucesso no cenário pop internacional tinham à frente de sua formação algo em comum: mulheres. Entre os queridi-

nhos que à época povoavam publicações, lojas de discos, sessões especiais de rádios, antros dançantes, fanzines etc. havia um grupo chamado Sugarcubes, cujo nome da vocalista não era muito fácil de pronunciar: Björk

BARRY MARSDEN/VOX



Björk: gritinhos inconfundíveis e álbum primoroso

Gudmundsdottir, ou melhor, Björk, o que não era de estranhar, uma vez que os Sugarcubes vinham da Islândia, país este tão desconhecido quanto seu idioma.

Após três álbuns, os Sugarcubes sucumbiram. Entretanto Björk não apenas tornou-se um nome pronunciável (“Biórqui”) aqui e acolá como também engajou-se numa brilhante carreira solo. *Post* (PolyGram) é o segundo álbum desta islandesa de 30 anos (mas parece uma adolescente), voz sensual, rosto de esquimó. Ao contrário de *Debut* (93), resultado de seu namoro com a dance music ou algo que o valha, *Post* mostra Björk bem mais despojada, intimista, versátil, ou seja, bebendo em diferentes fontes, mas sem perder o encanto e a verve de sempre. O primor deste segundo trabalho também se deve à produção — novamente— de Nellee Hooper (Soul II Soul), além das maravilhosas participações de Graham Massey (808 State), Tricky, Einar Orn (lembração do Sugarcubes), e do brasileiro Eumir Deodato, entre outras. São onze faixas em que a deusa islandesa seduz ora pela exuberância de sua voz, ora pela harmonia de suas canções, a começar pela irresistível *Army of Me* (você



assistiu ao filme *Tank Girl!*), cujos créditos são divididos com Graham Massey, também responsável pelo belíssimo calidoscópio *ambient* de *The Modern Things*. *Hyperballad*, *Enjoy* e *You've Been Flirting again* são músicas para *clubber* nenhum ficar parado; em *It's oh so Quiet*, Björk solta seus inconfundíveis gritinhos como uma adorável cantora de cabaré hollywoodiano; já *Isobel* e *Possibly Maybe* remetem a climas mais sombrios, amorosos. Por fim, *Cover Me* e *Headphones* fecham o álbum quase despercebidas, porquanto em ambas as músicas a cantora apoia-se basicamente em sua voz. ©

Comespace

Algo surpreendente no ar

EDHSON FM

Nem bem acabou de produzir sua primeira fita, o Comespace já desponta como uma das prováveis delícias da próxima grande safra *indie* nacional. *Having never a Flown Space-ship before*, trabalho de estréia da banda, foi apresentada ao público nua e crua, ou seja,

se o Glauco (voz e guitarra) não me tivesse revelado o nome por trás dessas músicas, sem dúvida eu iria citar por exemplo, Slowdive, Chapterhouse, entre outras influências que conheço da época em que o guitarrista era discotecário numa danceteria. Mas Glauco prefere mencionar Flying Saucer Attack e Seefeel (não é à toa que o nome da banda foi tirado de duas

FOTOS EDHSON FM



Glauco

Wayne

Gilberto

sem capa nem *release*, trazendo duas amostras surpreendentes do barulho do grupo: *Float* e *A most Enjoyable Day*. Confesso que

músicas desta), grupos cuja sonoridade suave e hipnotizante traduz toda a atmosfera do Comespace.

Surgida em Osasco por volta de novembro de 94, completam a banda: Wayne (bateria e percussão) e Gilberto (baixo), mas nos shows a banda costuma ser acompanhada por um guitarrista convidado.

Enquanto divulgam *Having...*, produzida por Osmar Buono, guitarrista do Old Magic Pallas, os integrantes do

Comespace ensaiam a todo vapor para gravar sua segunda fita e, é claro, fazer muitos shows aqui e acolá. ©

Onde nem tudo é poder

ROGÉRIO CÉZAR

Em Brasília não há nada para fazer. Esta máxima difundida aos quatro cantos do País é válida. Para quem tem QI de alface de plástico, não existe verdade maior. Agora, se você se arriscar a sair da inércia, vai notar algo diferente na atmosfera brasiliense. Contudo é preciso estar bem atento, pois Brasília é uma cidade do interior *high-tech*. Como assim? É o seguinte: Brasília é realmente uma cidade pequena. Devido ao seu tamanho e à sua origem, ela guarda um quê de típica cidade do interior, onde quase todos se conhecem e sabem o que os outros andam fazendo.

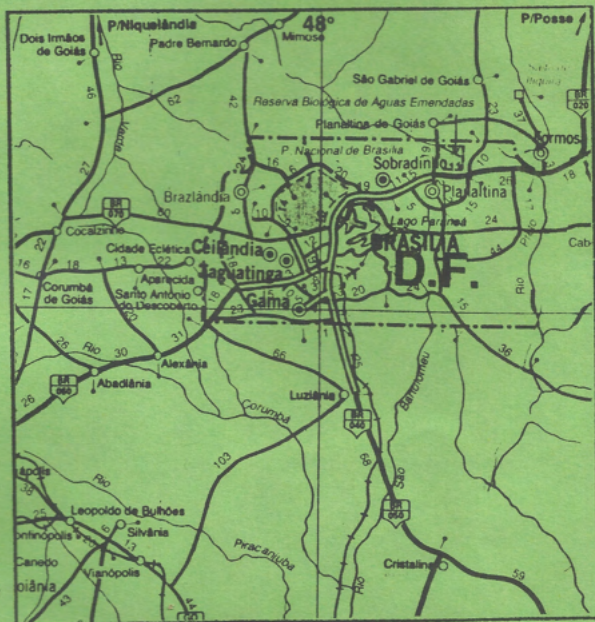
Entretanto, devido à concentração de poder, dinheiro, estrangeiros e informação, a cidade oferece quase tudo que um grande centro poder oferecer.

O Brasil, então, recebe agora a nova leva dos filhos do "aqui não há nada para fazer". Sim, você já ouviu até as tampas sobre Raimundos e seu "forró-core" (?). Com o desespero e marketing de uma grande gravadora

disfarçada em pequeno selo, além de uma boa dose de "jabá", eles ganharam o País (?). Todavia, nem tudo que as entrevistas e matérias dizem é de total confiança. Low Dream lançou seu primeiro CD (*Between My Dreams and the Real Things*). Competentes como sempre, devem estar para gravar o material do segundo disco a qualquer hora. Desta mesma "geração", quem está para soltar o CD é a Oz, depois de

lançar a melhor fita que se tem notícia na cidade até agora. O som deles ficou um pouco mais pesado, contudo ainda encontramos matizes do que os fizeram tão queridos por onde passaram. Também com discos lançados temos: Dungeon (heavy clássico), Restles (*thrash*), Câmbio Negro e Gog (rap), Célia Porto (MPB), Little Quail (rockabilly) e, por

fim, uma das coisas mais legais que já apareceram aqui: Maskavo Roots (ska-reggae-noise-hard core), que com seu primeiro CD homônimo tem chance de ganhar a simpatia e cair no gosto do grande público consumidor de música. ©



Thieves Like Us — New Order

KEVIN CUMMINS

